

**EXPERIÊNCIAS DO PATRIMÔNIO URBANO EM OURO PRETO:
uma análise sob a ótica da paisagem urbana**

**EXPERIENCES OF URBAN HERITAGE IN OURO PRETO:
an analysis from the perspective of the urban landscape**

Isadora Parreira Ribeiro¹

INTRODUÇÃO

Ouro Preto, inscrita como Patrimônio Mundial em 1980, enfrenta atualmente pressões derivadas do turismo, da expansão urbana e da mercantilização do espaço, que tensionam seus modelos de preservação. Nesse cenário, a Recomendação sobre a Paisagem Urbana Histórica (HUL/UNESCO, 2011) apresenta-se como alternativa para ampliar o olhar sobre o patrimônio, incorporando práticas sociais, valores imateriais e diferentes escalas da cidade. Contudo, a aplicação da HUL suscita dúvidas quanto à sua pertinência e operacionalização em contextos específicos. Este trabalho busca investigar como a HUL pode ser apropriada em Ouro Preto, explorando as potencialidades e os limites dessa abordagem. Parte-se da hipótese de que a narrativa visual orienta nossa experiência da paisagem urbana e que a fotografia, ao registrar e interpretar a cidade, constitui ferramenta crítica e democrática para a construção de sentidos coletivos sobre o patrimônio. Os objetivos da pesquisa são: analisar em que medida a HUL se aplica a Ouro Preto; compreender como narrativas visuais participam das disputas simbólicas sobre a cidade; e avaliar o papel da fotografia como metodologia de leitura, documentação e questionamento das políticas patrimoniais locais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa dialoga com três eixos centrais. O primeiro é a própria Recomendação da Paisagem Urbana Histórica, elaborada pela UNESCO em 2011, que desloca o foco da preservação dos monumentos isolados para os processos dinâmicos que estruturam a paisagem urbana, incorporando atributos sociais, culturais e ambientais. Essa ampliação conceitual foi discutida por autores como Bandarin e van Oers, que ressaltam seu potencial de integração, mas também suas fragilidades, especialmente a ausência de

¹ isadoraribeiro909@gmail.com

diretrizes concretas para a implementação em realidades diversas. O segundo eixo remete à crítica urbana contemporânea. O patrimônio não pode ser analisado de forma dissociada das dinâmicas neoliberais que afetam as cidades, produzindo mercantilização dos espaços e patrimonialização seletiva. Nesse sentido, autores como David Harvey, Raquel Rolnik e Ermínia Maricato problematizam as formas de produção do espaço que subordinam valores coletivos a lógicas de mercado. Ouro Preto, fortemente inserida na lógica do turismo cultural e do consumo do passado, torna-se um caso paradigmático para observar essas tensões. O terceiro eixo é o papel da imagem na construção de sentidos urbanos. A fotografia é tomada aqui não apenas como registro documental, mas como narrativa visual que atua na constituição da experiência urbana e na legitimação ou contestação de memórias. Clássicos como Roland Barthes, Walter Benjamin e Susan Sontag sustentam a compreensão da fotografia como linguagem crítica, enquanto reflexões mais recentes exploram sua relação com georreferenciamento, mídias sociais e produção coletiva de narrativas. Nesse ponto, a pesquisa busca tensionar usos institucionais e oficiais da imagem em Ouro Preto, contrapondo-os às narrativas cotidianas produzidas por moradores em ambientes digitais.

METODOLOGIA

A pesquisa combina procedimentos históricos, analíticos e participativos, articulados em três eixos principais. O primeiro consiste na leitura da paisagem urbana de Ouro Preto a partir de registros históricos e artísticos. Fotografias de Luiz Fontana, que documentam a cidade no século XX, e as representações de artistas como Alberto da Veiga Guignard e Carlos Drummond de Andrade (em diálogo com a obra de Bandeira) são analisadas como narrativas visuais que consolidaram determinadas imagens da cidade. O segundo eixo consiste na documentação das percepções locais contemporâneas. Para isso, são analisadas 35 contas do Facebook e do Instagram pertencentes a moradores de Ouro Preto, observando postagens, discursos e memórias visuais que circulam em meio digital. As imagens são organizadas por meio de hashtags e georreferenciamentos, permitindo a construção de mapas temáticos e cartografias afetivas, de modo a revelar como diferentes grupos sociais produzem e disputam sentidos sobre o patrimônio urbano. O terceiro eixo compreende uma análise comparativa internacional em cidades que aplicaram metodologias participativas inspiradas na HUL, baseadas no uso de imagens e

narrativas visuais. Essa etapa busca avaliar em que medida tais casos podem informar o contexto de Ouro Preto, reconhecendo limites e possibilidades de transposição. Complementarmente, a pesquisa inclui entrevistas semiestruturadas com moradores e produtores de conteúdo, abordando três blocos: comportamentos em redes sociais, percepções de imagens e representações da cidade e práticas online e offline relacionadas ao espaço patrimonial. Os dados coletados são organizados conforme categorias de atributos e valores definidas pela HUL, o que permitirá identificar convergências e tensões entre a proposta internacional e as práticas locais.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Resultados parciais da pesquisa já apontam alguns caminhos relevantes. Em primeiro lugar, confirma-se a centralidade das narrativas oficiais e turísticas na representação de Ouro Preto, que seguem privilegiando a monumentalidade arquitetônica e a estética barroca, frequentemente associadas ao consumo turístico do passado. Contudo, paralelamente, emergem contranarrativas produzidas por moradores em redes sociais, que destacam práticas cotidianas, memórias familiares e aspectos invisibilizados pela patrimonialização oficial, como precariedades urbanas, transformações recentes e resistências locais. A análise histórica das fotografias de Luiz Fontana demonstra que a cidade já vinha sendo representada em sua dimensão de transformação, não apenas de permanência. Ao contrastar esses registros com as postagens contemporâneas em mídias sociais, evidencia-se que a paisagem urbana é constantemente reconfigurada por processos de visibilização e apagamento. A fotografia, nesse sentido, não apenas documenta mudanças, mas participa ativamente da construção de sentidos sobre a cidade. O estudo das redes sociais confirma a força da fotografia digital como instrumento de apropriação simbólica. As hashtags e georreferenciamentos utilizados pelos moradores sugerem um modo de mapear a cidade a partir de experiências situadas, que muitas vezes não encontram reconhecimento institucional. Esses usos revelam tanto potencialidades quanto limitações: por um lado, democratizam a produção de narrativas sobre Ouro Preto; por outro, podem ser capturados por dinâmicas de espetacularização e consumo, reforçando desigualdades de visibilidade. As entrevistas iniciais com produtores de conteúdo locais corroboram essa ambivalência. Há um sentimento de pertencimento que se expressa por meio da fotografia, mas também uma percepção de distanciamento em

relação às políticas patrimoniais formais, vistas como pouco permeáveis às vozes locais. Esse descompasso indica a necessidade de repensar as formas de participação na gestão patrimonial, reconhecendo a fotografia como meio de escuta e mediação. A análise comparativa com Ballarat e Cuenca sugere que experiências internacionais podem oferecer metodologias úteis, especialmente no que diz respeito à incorporação de imagens em processos participativos de gestão. Entretanto, essas experiências também revelam riscos de instrumentalização e tecnocratização da participação. Aplicadas ao contexto de Ouro Preto, tais práticas exigem adaptações profundas, capazes de dialogar com as especificidades históricas, sociais e culturais da cidade. Assim, a fotografia revela-se um campo de disputa simbólica e metodológica. Seu uso pode tanto reforçar narrativas hegemônicas, quando restrito a perspectivas oficiais, quanto abrir espaço para memórias plurais e democratização da gestão patrimonial, quando reconhecida como prática social viva. A discussão mostra, portanto, que aplicar a HUL em Ouro Preto requer mais do que diretrizes técnicas: demanda o reconhecimento da potência crítica das imagens na construção da paisagem urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra que a aplicação da HUL em Ouro Preto depende de metodologias capazes de dialogar com experiências locais. A fotografia se apresenta como ferramenta crítica, que tanto documenta transformações quanto participa da construção de sentidos coletivos. Os resultados parciais revelam tensões entre narrativas oficiais e contranarrativas digitais, indicando a necessidade de ampliar formas de participação e democratização da memória urbana.

Palavras-chave: HUL; Memória urbana; Fotografia; Narrativas visuais; Participação social.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, S. In: ANDRADE, E. **Daqui houve nome Portugal**: antologia de verso e prosa sobre o Porto. Porto: Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, 2006. p. 30.
- BANDARIN, F.; OERS, R. **El paisaje urbano histórico**: la gestión del patrimonio en un siglo urbano. Madrid: Abada Editores, 2014.
- BARBOSA, D. Cidadania paisagística. **Revista de Geografia** (Recife), v. 35, n. 1, 2018.
- BERRIANE, M.; NAKHLI, S. En marge des grands chantiers touristiques mondialisés, l'émergence de territoires touristiques «informels» et leur connexion directe avec le système monde. Le cas de l'arrière-pays d'Essaouira au Maroc. Méditerranée. **Revue géographique des pays méditerranéens/Journal of Mediterranean geography**, n. 116, p. 115-122, 2011.
- BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. (org.). **Cidadania, um projeto em construção**: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- BURLINGAME, K. **Dead Landscapes – and how to make them live**. 2020. Doctoral dissertation, Lund University. CAPICUA. Circunvalação. Álbum: Madrepérola. 2020. [música].
- COSGROVE, D. Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 10, p. 45–62, 1985.
- COSTA, H. S. de M. Desenvolvimento urbano sustentável: uma contradição de termos? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, (2), p. 55, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2000n2p55>. Acesso em: jan. 2025.
- DEL RIO, V. Voltando às origens: a revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos. **Arquitextos**, São Paulo, ano 2, n. 015.06, ago. 2001. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/845>. Acesso em: jan. 2025.
- EVARISTO, M. L. I. Festa e fé na celebração do Congado de Ouro Preto. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 28, p. 72–89, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/718>. Acesso em: 18 maio 2025.
- FEDERICI, S. **Caliban and the Witch**. Autonomedia, 2004.
- FREITAS, R. Da Cidade-espetáculo à Cidade-mercadoria: a comunicação urbana e a construção da marca RIO. **Revista Eco-Pós**, v. 20, n. 3, p. 49-65, 2017.
- GINZARLY, M.; HOUBART, C.; TELLER, J. The Historic Urban Landscape approach to urban management: a systematic review. **International Journal of Heritage Studies**, v. 25, n. 10, p. 999–1019, 2019.
- HARLEY, B. Mapas, saber e poder. **Confinos [online]**, v. 5, p. 2-24, 2009.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73–89, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/ls.v0i29.18497>. Acesso em: jan. 2025.

HISSA, C.; NOGUEIRA, M. Cidade-corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 54–77, 2016. DOI: 10.35699/2316-770X.2013.2674. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2674>. Acesso em: 18 abril 2025.

HOLSTON, J. Insurgent citizenship in an era of global urban peripheries. **City & Society**, v. 21, n. 2, p. 245-267, 2009.

JORGE, V. Das sete vidas dos objetos. **Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, I Série, v. 2, p. 843–864, 2003.

KRENAK, A. **O que é memória?** Episódio 1. Memória pra quê? Podcast apresentado por Ana Paula Brito. Spotify, 10 dez. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com>. Acesso em: [12 fev 2025].

LAGE, L. **Paisagem como modo de entender o mundo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023. 344 p.

MENDES, M. São Francisco de Assis de Ouro Preto. *In*: MENDES, M. **Poesias**, 1925/1955. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

MIGNOLO, W. D. **The de-colonial option and the meaning of identity in politics**. 2007.

MIGNOLO, W.; WALSH, C. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press Books, 2018.

MUZAINI, H.; MINCA, C. **After heritage: Critical perspectives on heritage from below**. Edward Elgar Publishing, 2018.

NOGUEIRA, M. **Espaço e subjetividade na cidade privatizada**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, A. **Les attributs et les valeurs du paysage urbain historique: nouveaux récits et expériences du patrimoine à Porto**. Porto, 2022.

OLIVEIRA, A. R. **Os atributos e os valores da Paisagem Urbana Histórica: novas narrativas e experiências do patrimônio urbano do Porto**. Tese (Doutorado) – Universidade do Porto, Porto, 2022.

PÁDUA, L. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

QUIJANO, A. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

REY PÉREZ, J.; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, P. Lights and shadows over the Recommendation on the Historic Urban Landscape: ‘managing change’ in Ballarat and Cuenca through a radical approach focused on values and authenticity. **International Journal of Heritage Studies**, v. 24, n. 1, p. 101–116, 2017.

ROBERTSON, I. J. **Heritage from below**. Routledge, 2016.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

RUFINO, L.; SIMAS, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, M. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Org. Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v. 3).

SCIFONI, S. Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, 2022.

SMITH, L. Desafiando o discurso autorizado de patrimônio. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2021. ISSN: 1677-6976.

SMITH, L. **Uses of heritage**. New York: Routledge, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNESCO. **Recomendação da Paisagem Urbana Histórica**. [S.l.]: UNESCO, 2011.

WALSH, C.; DE OLIVEIRA, L.; CANDAU, V. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 83-83, 2018.